

SOBRE A INTERAÇÃO ENTRE AS MARCAS DE DIMINUTIVO E AUMENTATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Paula Roberta Gabbai Armelin¹

paula.armelin@usp.br

RESUMO: Inserido na área de Teoria da Gramática e, mais especificamente, no âmbito dos estudos a respeito da formação de palavras, o presente trabalho tem como foco a formação de diminutivos e aumentativos no português do Brasil (PB). Nesse sentido, olharemos para a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo, buscando verificar se – e em que medida – tal fenômeno pode trazer pistas a respeito de várias das controvérsias que cercam tal processo no PB. O caráter composicional ou não-composicional da palavra formada também vai trazer grandes consequências para o estatuto sintático dos diminutivos e aumentativos no PB. A perspectiva adotada na análise é guiada pelos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993) e pelos seus recentes desenvolvimentos (Marantz, 2001, 2008 e Arad, 2003). Este artigo pretende, portanto, (i) contribuir para os estudos a respeito da formação de palavras, atentando, em especial, para a interface entre a morfologia e a sintaxe e (ii) compreender o comportamento sintático das marcas de aumentativo e diminutivo no PB.

PALAVRAS-CHAVE: Diminutivos/Aumentativos; Composicionalidade; Fase; Morfossintaxe.

INTRODUÇÃO

A formação e interpretação dos diminutivos e aumentativos vêm levantando muitas questões no âmbito da Teoria da Gramática e os pesquisadores parecem estar longe de chegar a um consenso sobre elas. De maneira geral, o tema está inserido em uma ampla discussão dentro do quadro morfológico, a saber, a formação de palavras.

Chomsky (1970), através de dados de nominalizações gerundivas e derivadas do inglês, propõe a existência de um léxico gerativo, capaz de formar palavras. Eis o que ficou conhecido na literatura como Hipótese Lexicalista. A partir daí, duas vertentes dessa hipótese se consolidaram: (a) a Hipótese Lexicalista Forte (Di Sciullo, A.M & E. Williams, 1987), que sustenta ser o léxico, por excelência, o componente gerativo de palavras, sejam elas flexionadas ou derivadas e (b) a Hipótese Lexicalista Fraca (Anderson, 1982), em que

¹ Universidade de São Paulo – USP.

algumas palavras, em geral as flexionadas, são formadas na sintaxe, enquanto as palavras derivadas são formadas no léxico.

Há, no entanto, nas duas correntes lexicalistas uma espécie de redundância na arquitetura da gramática. No lexicalismo forte, temos mecanismos gerativos de estrutura acontecendo em dois lugares diferentes - dentro do léxico e fora dele. Já no lexicalismo fraco, temos o próprio fenômeno de formação de palavras se dando em dois lugares diferentes.

Não só o lugar da morfologia, mas também sua unidade de análise tem sido objeto de intenso debate nas mais variadas correntes teóricas. De um lado, encontramos as correntes que defendem serem as categorias lexicais propriamente ditas os átomos da morfologia. Nesse sentido, o que pareceria ser um afixo é interpretado como o resultado das regras morfofonológicas de formação de palavras (WFRs). Essa corrente ficou conhecida como morfologia sem-afixos e é representada pelo trabalho de Aronoff (1976). Em contrapartida, Lieber (1992) refina a noção tradicional de afixo e, assim, tanto raízes lexicais como afixos, passam a ser entendidos como peças morfológicas, cujas entradas lexicais relacionam fonologia, semântica e informação categorial.

É nesse cenário de discussão teórica que surge, na década de 90, uma nova proposta de arquitetura da gramática dentro do contexto da Gramática Gerativa, que ficou conhecida como Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993). Nesse modelo, palavras e sintagmas são formados no mesmo componente e pelos mesmos mecanismos, eliminando a redundância detectada nas Hipóteses Lexicalistas. Dentro desse quadro, o maquinário do que tradicionalmente tem sido chamado de morfologia não ocorre em um único componente, mas está dividido em três componentes diferentes. A formação de palavras passa, então, a ser entendida como a criação de núcleos sintáticos complexos e pode acontecer em qualquer nível da gramática, através de processos sintáticos tradicionais, tais como movimento de núcleo e adjunção. Os átomos de representação morfossintática, nesse modelo, são os próprios morfemas, definidos como nós terminais sintáticos, mas sem conter ainda a expressão fonológica desse nó.

Especificamente no que diz respeito à formação de diminutivos e aumentativos no Português do Brasil, doravante PB, podemos dizer que os dados ainda não foram olhados a partir dessa perspectiva sintática. No âmbito da lingüística formal, muito se falou dos aspectos morfofonológicos dessas formações, seja na Fonologia Lexical (Lee 1995), seja na Teoria da Otimidade (Bisol, 2010). No entanto, o estatuto dos elementos que expressam grau tem sido objeto de controvérsia em variados estudos. Para alguns autores, trata-se de um elemento gramatical e, mesmo dentro dessa visão, não existe consenso, uma vez que o elemento em

questão é interpretado ora como sufixo (Basílio, 2004), ora como infixo (Guimarães e Mendes, 2010). Já para outros autores, algumas partículas de expressão de grau podem ter estatuto lexical. Na visão de Leite (1974), por exemplo, a formação do diminutivo com a partícula *-zinho* pode ser considerada um caso de composição.

Nesse mesmo sentido, o tipo de processo responsável pela formação de diminutivos e aumentativos também é bastante controverso. Assim, ainda paira uma hesitação entre a derivação e a flexão². No que diz respeito aos autores que defendem a derivação, há ainda outros debates, como apontamos acima, entre os processos de sufixação, infixação, entre outros.

A proposta deste artigo é, portanto, fornecer uma análise morfossintática para a formação de diminutivos e aumentativos no PB, tendo como pano de fundo a hipótese de que tal perspectiva pode desfazer algumas das controvérsias que cercam o fenômeno em análise.

Para tanto, apoiamo-nos inicialmente em duas propostas sintáticas feitas especificamente para os diminutivos: Wiltschko & Steriopo (2007) e de De Belder, Faust & Lampitelli (2009).

Na primeira das propostas, as autoras querem mostrar que a sintaxe dos diminutivos varia em (pelo menos) duas dimensões: (i) como o diminutivo se afixa: como um núcleo ou como um modificador e (ii) onde o diminutivo se afixa: acima ou abaixo do ‘nível da palavra’ (no sentido de Marantz, 1997). O primeiro parâmetro está relacionado com a possibilidade ou impossibilidade de o morfema de diminutivo alterar as propriedades formais da base. Já o segundo parâmetro diz respeito à categoria gerada pela afixação do diminutivo. Assim, diminutivos capazes de alterar propriedades formais da base são núcleos, enquanto os que não o fazem são adjuntos. Da mesma maneira, diminutivos capazes de formar várias categorias estariam abaixo do nível da palavra, enquanto os que dão origem a uma única classe estariam acima do nível da palavra.

Já a proposta de De Belder, Faust & Lampitelli (2009) é a de que, translinguisticamente, os diminutivos aparecem em dois diferentes sabores, guiados pelo sentido composicional ou não-composicional da palavra formada. O argumento central dos autores é que a distinção entre os dois diminutivos pode ser capturada em termos de estrutura sintática. Mais especificamente, eles propõem haver duas posições sintáticas diferentes para o diminutivo. A primeira é parte do domínio funcional e está situada entre o núcleo de

² Para uma discussão mais profunda, cf. Gonçalves, Carlos Alberto (2007). Flexão e Derivação: o grau.

categorização e a projeção responsável pela marcação de número (SizeP), enquanto a segunda posição disponível se concatena diretamente à raiz, abaixo do núcleo categorizador (LexP).

Nas próximas seções, veremos que as duas propostas acima delineadas fazem previsões contrárias a respeito do comportamento de diminutivos – o que tentaremos expandir também para o comportamento dos aumentativos – no que diz respeito aos dados do PB. E diante desse impasse, proporemos uma solução baseada na noção de fases no interior da palavra, proposta em Marantz (2001, 2008) e na noção de localidade na interpretação, proposta em Arad (2003).

O artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1, fazemos uma breve descrição dos dados que constituem o foco do trabalho. Na seção 2, delineamos a perspectiva teórica adotada no artigo, bem como o percurso teórico percorrido para chegar até a análise. A partir daí, passamos para a seção 3 em que, através das propriedades dos dados de aumentativo e diminutivo no PB, bem como de uma discussão do percurso teórico apresentado na seção 2, trazemos propostas a respeito do estatuto sintático dos aumentativos e diminutivos no PB.

1. BREVE DESCRIÇÃO DOS DADOS

Um primeiro ponto a ser ressaltado é que há uma grande diversidade de formadores de diminutivo e aumentativo no PB. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades, trazemos nos dados abaixo alguns desses morfemas:

(1) Alguns Formadores de diminutivo no PB

- a. *-ebre*: casebre
- b. *-im*: flautim
- c. *-ote*: frangote
- d. *-ejo*: lugarejo
- e. *-acho*: riacho
- f. *-ela*: rodela

(2) Alguns Formadores de aumentativo no PB

- a. *-aço*: golaço
- b. *-aréu*: fogaréu
- c. *-arrão*: homenzarrão
- d. *-azio*: copázio
- e. *-eirão*: vozeirão
- f. *-uça*: dentuça

No entanto, os formadores mais produtivos de diminutivo e aumentativo no PB são respectivamente: *-inho/-zinho* e *-ão/-zão*. Tais elementos podem se anexar a diferentes categorias, como substantivo, adjetivo, advérbio e forma gerundiva dos verbos, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- (3) a. Menino – menininho/ meninão
- b. Bonito – bonitinho/ bonitão
- c. Lento – lentinho/ lentão
- d. correndo –correndinho/ correndão

Outro ponto interessante é que as formas *-inho/-zinho*, bem como as formas *-ão/zão*, podem ser alternar em um mesmo contexto morfofonológico:

- (4) a. menino – meninão/meninozão
- b. menino – menininho/ meninozinho

Nesse mesmo sentido, há a possibilidade de haver o acúmulo de duas marcas de diminutivo ou de aumentativo em uma mesma palavra. Nesses casos, a marcação é feita com a presença das duas formas, *-inho/-zinho* e *-ão/-zão* na expressão do diminutivo e do aumentativo respectivamente, sendo que essa sequência linear deve ser respeitada.

- (5) a. carro – carrinhozinho/ *carrozinhoinho
- b. cachorro – cachorrinhozinho/ *cachorrozinhoinho
- (6) a. carro – carrãozão/*carrozãoão
- b. cachorro – cachorrãozão/*cachorrozãoão

Diante de palavras que só aceitam as formas encabeçadas pela consoante *-z* tal redobro das marcas de expressão de grau não pode ocorrer, como podemos nos dados em (7) e (8) abaixo:

- (7) a. bebê – bebezinho/ *bebeinho
- b. bebê – *bebezinhoinho
- (8) a. bebê – bebezão/ bebeão
- b. bebê - *bebezãoão

Outro fator que queremos ressaltar, diz respeito à interpretação gerada pelo resultado da anexação dos morfemas de diminutivo e aumentativo, atentando em especial para a

composicionalidade ou não-composicionalidade da palavra formada. Diminutivos e aumentativos composicionais são aqueles que mantêm uma forte relação semântica com a base à qual se anexam. Por sua vez, os diminutivos e aumentativos não-composicionais criam novos universos de interpretação se desvinculando consideravelmente do elemento que lhes serviu como base. Alguns exemplos da distinção em questão podem ser vistos em a (9) e (10) abaixo:

- (9) a. camisa – camisinha (interpretação: camisa de tamanho pequeno)
b. sapo – sapinho (interpretação: sapo de tamanho pequeno)
c. pedal – pedalinho (interpretação: pedal de tamanho pequeno)
- (9') a. camisa – camisinha (interpretação: preservativo)
b. sapo – sapinho (interpretação: doença bucal)
c. pedal – pedalinho (transporte aquático comum em parques)
- (10) a. roupa – roupão (interpretação: roupa de tamanho grande)
b. caixa – caixão (interpretação: caixa de tamanho grande)
- (10') a. roupa – roupão (interpretação: peça usada na saída do banho)
b. caixa – caixão (interpretação: peça utilizada para velar pessoas falecidas)

Por fim, é importante notar que os diminutivos e aumentativos do PB interagem de maneira bastante interessante: pode haver, em uma mesma palavra, uma marca de aumentativo e uma de diminutivo, sendo que essa sequência linear precisa ser respeitada. Se a marca de diminutivo anteceder a marca de aumentativo, o resultado será agramatical.

- (11) a. bobo – bobãozinho/ *bobinhozão
b. cachorro – cachorrãozinho/ *cachorrinhozão

Com essas propriedades em mente, passemos agora para uma discussão a respeito do quadro teórico em que a nossa proposta se insere, bem como a respeito do percurso teórico relevante para a análise.

2. PERCURSO TEÓRICO PERCORRIDO

Nesta seção, delinearemos o percurso teórico que serve de base para a análise desenvolvida na seção 3 deste artigo. As propostas teóricas apresentadas são seguidas por uma discussão guiada por propriedades encontradas em dados de diminutivo e aumentativo do PB.

Para tanto, a seção 2 é composta por uma apresentação do modelo da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), que possibilita uma análise sintática no interior da palavra, perspectiva que adotamos neste artigo. Em seguida, apresentaremos as propostas de Wiltschko & Steriopo (2007) e de De Belder, Faut & Lampitelli (2009), ambas defendendo explicações sintáticas para a formação do diminutivo. As propostas em questão serão desafiadas por dados do PB na discussão que as segue.

2.1 A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A Morfologia Distribuída, doravante MD, é uma teoria da arquitetura da gramática proposta por Halle & Marantz (1993). Essa abordagem surge como alternativa de análise a modelos conhecidos como lexicalistas. O Lexicalismo é centrado na hipótese da existência de um repositório – o léxico – que contém palavras já formadas e que são inseridas na sintaxe. Na MD, não há um léxico no sentido da Gramática Gerativa dos anos 70 e 80. Assim, a tarefa antes atribuída ao léxico foi dividida em três listas dentro do modelo de gramática proposto:

- **Lista 1:** abriga os primitivos com os quais a sintaxe trabalha, ou seja, traços morfossintáticos e raízes;
- **Lista 2:** chamada de Vocabulário, contém as regras que associam contextos sintáticos a materiais fonológicos;
- **Lista 3:** conhecida como Enciclopédia, traz associações entre os itens de vocabulário e a interpretação semântica. É o local do conhecimento de mundo, ou seja, do conhecimento extralinguístico.

Assim, a MD postula a existência de um único componente gerativo para estabelecer correspondências entre som e significado. Nesse modelo, a sintaxe é o sistema congregante de palavras e sintagmas, os quais são submetidos a três outros módulos independentes, a semântica, a morfologia e a fonologia. A sintaxe é um componente gerador de estruturas pela combinação, sob nós terminais, de feixes de traços sintáticos e semânticos selecionados pelas línguas particulares a partir de um inventário disponibilizado pela Gramática Universal. Assim, essas combinações de traços estão sujeitas a princípios e operações da sintaxe, as quais são subsequentemente trabalhadas nos componentes morfológico e fonológico. Algumas propriedades dos Itens de Vocabulário distinguem a teoria da Morfologia Distribuída de outras abordagens.

- **Inserção Tardia:** hipótese de que a expressão fonológica acontece somente no mapeamento para a Forma Fonológica (PF). Assim, as categorias sintáticas são puramente abstratas, não tendo conteúdo fonológico. Somente depois da sintaxe, os expoentes fonológicos são inseridos.
- **Subespecificação:** as expressões fonológicas não precisam ser inteiramente especificadas para as posições sintáticas em que elas podem ser inseridas. Não há necessidade de que as peças fonológicas supram todos os traços morfossintáticos. Na verdade, os itens de vocabulário são, muitas vezes, itens *default* inseridos onde não há peças mais especificadas disponíveis.
- **Estrutura hierárquica durante toda a derivação:** as estruturas sintáticas e morfológicas são construídas pelos mesmos mecanismos e nos mesmos lugares da gramática.

De maneira geral, a sintaxe gera feixe de traços morfossintáticos que, somente mais tarde na derivação, ganharão sua forma fonológica. Os morfemas da MD são de dois tipos: raízes e elementos gramaticais. As raízes, por sua vez, são desprovidas de categoria. Na verdade, elas ganharão a sua categoria na sintaxe ao se concatenarem com núcleos gramaticais específicos. Por fim, é interessante adiantar que o primeiro domínio de categorização da raiz tem se mostrado bastante especial para a interpretação da palavra formada (Marantz, 2001, 2008 e Arad, 2003).

2.2 WILTSCHKO & STERIOPOLO (2007): PARÂMETROS NA SINTAXE DOS DIMINUTIVOS

As autoras exploram a sintaxe dos afixos de diminutivo em três línguas não-relacionadas entre si: o alemão, o halkomelem e o russo, propondo que a variação encontrada nos dados dessas línguas pode ser explicada a partir de dois parâmetros: (i) a afixação do morfema de diminutivo como núcleo ou como modificador e (ii) a afixação do morfema de diminutivo abaixo ou acima do nível da palavra – compreendido no sentido de Marantz (1997).

No que diz respeito à marcação de diminutivo no alemão, as autoras trazem exemplos com dois sufixos: *-erl*, que faz parte do registro coloquial e *-chen*, que é empregado no alemão padrão. Já no caso do halkomelem, a tática utilizada para a marcação do diminutivo é a reduplicação. Vejamos os dados em (12) do alemão e em (13) do halkomelem:

(12) Forma simples	Diminutivo padrão	Diminutivo coloquial
a. <i>Baum</i>	<i>Bäum-chen</i>	<i>Baum-erl</i>
árvore	árvore-DIM	árvore-DIM
‘árvore’	‘arvorezinha (bonitinha)’	‘arvorezinha (bonitinha)’
b. Flasche	Fläsch-chen	Flasch-erl
garrafa	garrafa-DIM	garrafa-DIM
‘garrafa’	‘garrafinha (bonitinha)’	‘garrafinha (bonitinha)’

(13) Forma simples	Diminutivo/Reduplicação	
a. q’á:mi	q’á-q’emi	
garota	DIM-garota	
‘garota’	‘garotinha’	(Wiltschko & Steriopo, 2007:1)

Atentando para a relação entre a formação do diminutivo e as propriedades formais que entram em jogo nesse processo, as autoras apontam que, em alemão, a presença do diminutivo é capaz de desencadear mudanças nas propriedades da base. No que diz respeito ao gênero, por exemplo, a presença do diminutivo está associada do gênero neutro, independentemente de qual seja o gênero trazido pela própria base.

(14) Masculino	➡	Neutro
<i>der Baum</i>	-	<i>das Bäum-chen</i>
DET.masc árvore		DET.neut árvore-DIM

(15) Feminino	➡	Neutro
<i>die Flasche</i>	-	<i>das Fläsch-chen</i>
DET.fem garrafa		DET.neut garrafa-DIM

(Wiltschko & Steriopo, 2007:2)

Importante ressaltar que exatamente o mesmo processo acontece se o morfema de diminutivo utilizado for o coloquial *-erl*. As autoras apontam, ainda, que a anexação do diminutivo no alemão desencadeia um comportamento contável do nome, mesmo que a base tenha o estatuto de massivo.

(16) Massivo	vs.	Contável	
a. viel Brot		viele Bröt-chen	
Q pão		QPL pão-DIM	
‘muito pão’		‘muitos pãezinhos’	
b. viel Brot		viele Brot-erl	
Q pão		Q.PL pão-DIM	
‘muito pão’		‘muitos sanduichinhos’	(Wiltschko & Steriopo, 2007:2)

Veja que enquanto o nome simples *brot* ('pão') é um massivo na língua em questão, a forma com o diminutivo é contável, o que é evidenciado, entres outras coisas, pela concordância de plural.

Tais mudanças formais que o diminutivo é capaz de desencadear em alemão levam as autoras a relacioná-lo com elementos derivacionais, cuja anexação cria novas palavras. No entanto, um contraste bastante interessante acontece entre o comportamento do diminutivo em alemão e em *halkomelen*. Nessa última língua, os nomes diminutivizados preservam as propriedades formais da base. Assim, os diminutivos podem ser encontrados em várias classes, como nomes, verbos, adjetivos, mas segundo as autoras, não promovem nenhuma alteração na categoria da base.

(17) Categoria

a. Nome → Nome

q'á:mi - q'á-q'emi
 garota DIM-garota
 'garota' 'garotinha'

b. Adjetivo → Adjetivo

p'eq' - p'í-p'eq'
 white DIM-branco
 'branco' 'um pouco branco'

(Wiltschko & Steriopolo, 2007:2)

Prosseguindo com a comparação entre o comportamento do diminutivo no alemão e no *halkomelem*, as autoras mostram que, na segunda das línguas, não há mudança de nomes massivos para contáveis: o que é massivo continua massivo e o que é contável continua contável, mesmo com a diminutivização da forma de base.

(18) Massivo vs. Contável

a. s-páth - s-pi-páth
 NOM-urso NOM-DIM-urso
 'urso' 'ursinho'

b. s-peháls - s-pi-peháls
 NOM-vento NOM-DIM -vento
 'vento' 'um pouco de vento/brisa'

(Wiltschko & Steriopolo, 2007:3)

As diferenças entre as duas línguas contrastadas acima é explicada sintaticamente na proposta de Wiltschko & Steriopolo (2007): enquanto em alemão o diminutivo funciona como núcleo da formação, em *halkomellen*, ele atua como um adjunto. Sendo assim, em alemão, as propriedades formais são determinadas pelo próprio núcleo de diminutivo, enquanto em

halkomelem, por ser um modificador, o diminutivo não pode alterar nenhuma das propriedades da base.

Outro parâmetro proposto pelas autoras na explicação da sintaxe dos diminutivos é o seu lugar de anexação. Nesse sentido, a proposta é a de que, em alemão, a entrada do diminutivo deve ocorrer depois que a raiz já foi devidamente categorizada, enquanto, em halkomelem, o diminutivo entra na estrutura antes de o primeiro categorizador estar presente na derivação. Segundo as autoras, essa diferença garante uma explicação para o fato de que, em halkomelem, a morfologia de diminutivo aparece dentro da própria morfologia derivacional, o que não seria esperado diante da tradicional divisão entre derivação e flexão.

Nesse mesmo sentido, o segundo parâmetro acima descrito consegue explicar a possibilidade de o diminutivo dar origem a variadas categorias em halkomelem: ele é anexado antes que a categorização aconteça. A previsão, por outro lado, é que no alemão essa liberdade de formação de categoria não ocorra. Mais especificamente, o diminutivo, em alemão, deve estar restrito a nomes, o que segundo as autoras é comprovado pelos dados abaixo:

- (19) a. Nome: Baum Bäum-chen Baum-erl
 árvore árvore-DIM árvore-DIM
 ‘árvore’ ‘árvorezinha (bonitinha)’ ‘árvorezinha (bonitinha)’
- b. Verbo: lesen *les-chen *les-erl
 ler ler-DIM ler-DIM
 ‘ler’ ‘ler um pouco’ ‘ler um pouco’
- c. Adjetivo: schön *schön-chen *schön-erl
 bonito bonito-DIM bonito-DIM
 ‘bonito’ ‘bonitinho’ ‘bonitinho’ (Wiltschko & Steriopo, 2007:6)

Enfim, a proposta das autoras é a de que o diminutivo varia translinguisticamente em dois parâmetros sintáticos: (i) a anexação como núcleo ou como modificador e (ii) a anexação abaixo ou acima do categorizador. Elementos que funcionam como núcleo são capazes de determinar as propriedades formais da estrutura, enquanto modificadores apenas conservam propriedades já trazidas pela base. Por outro lado, elementos anexados antes da categorização da raiz podem resultar em categorias variadas, enquanto aqueles que entram na derivação depois do categorizador conservam tal categorização.

2.3 DE BELDER, FAUST, LAMPITELLI (2009): A COMPOSICIONALIDADE DA FORMAÇÃO

A proposta de De Belder, Faust & Lampitelli (2009) é a de que, translinguisticamente, os diminutivos aparecem em dois diferentes sabores. O primeiro tipo é caracterizado pelo sentido composicional, como se pode ver no exemplo em (20) do italiano. O segundo tipo de diminutivo, por sua vez, apresenta sentido não-composicional, como se pode ver nos exemplos (21) e (22) também do italiano:

(20) nas -ino nariz DIM 'narizinho'	➔	Composicional
(21) pan -ino pão DIM 'sanduíche'	}	Não-composicional
(22) telefon -ino telefone DIM 'celular'		

(De Belder, Faust & Lampitelli, 2009: 01)

Nesse sentido, o exemplo em (20) se refere simplesmente a uma versão menor do elemento denotado pelo nome de base, mas, em (21) e (22), o morfema de diminutivo deriva uma nova palavra. Segundo os autores, uma consequência dessa divisão é que os diminutivos composicionais não podem se combinar com um morfema de aumentativo, já que um conceito não pode ser, ao mesmo tempo, pequeno e grande, o que é mostrado pela agramaticalidade de (23). Os diminutivos não-composicionais, por sua vez, podem se combinar com aumentativos, como ilustrado no exemplo em (24):

(23) *nas -in -one
Nariz -DIM-AUM

(24) Pan - in - one
Pão - DIM-AUM
'sanduíchão'

(De Belder, Faust & Lampitelli, 2009: 01)

A proposta central dos autores é que a distinção entre os dois tipos de diminutivos pode ser capturada em termos de estrutura sintática. Mais especificamente, eles propõem haver duas posições diferentes para o diminutivo. A primeira delas é parte do domínio funcional do nome e será chamada de SizeP. Ela está situada entre o núcleo de categorização e a projeção responsável pela marcação de número. Como se trata de material funcional, tal

posição é caracterizada pela produtividade e pela composicionalidade. Já a segunda posição sintática que abriga o diminutivo, está concatenada diretamente à raiz, abaixo do núcleo categorizador e será chamada de LexP. Como não se trata de um núcleo funcional, está sujeita a lacunas e a sentidos não-composicionais. Ambas as posições, SizeP e LexP, podem ser vistas abaixo:

(25)

(De Belder, Faust & Lampitelli, 2009: 02)

Os autores ilustram a proposta com dados de línguas românicas, semíticas, germânicas e eslavas e adotam a hipótese de que a flexão e derivação são produtos da sintaxe (Marantz 1997, 2001; Harley & Noyer 1999). Os diferentes efeitos que elas provocam são resultantes de dois diferentes domínios estruturais no qual atuam. Esses domínios são demarcados pelo primeiro núcleo categorizador. O domínio abaixo desse núcleo é o domínio derivacional e, acima dele, encontra-se o domínio da flexão. Em outras palavras, o primeiro núcleo categorizador é o limite entre a derivação e a flexão.

Segundo De Belder, Faust & Lampitelli (2009), a partir dessa proposta se seguem algumas consequências que são empiricamente atestadas nas línguas do mundo. Uma dessas consequências é a de que a proposta possibilita que as línguas possam apresentar estratégias diferentes para expressar o diminutivo composicional e o diminutivo derivacional. Segundo os autores, é o que de fato acontece no hebraico moderno, que marca o diminutivo através de (i) um morfema concatenado, caracterizado por alta produtividade morfológica e em que a interpretação é composicional (núcleo e sizeP) e (ii) fenômeno de reduplicação, que se aplica a um grupo fechado de raízes e apresenta interpretação semântica não-previsível. Os dados que sustentam tal afirmação podem ser encontrados abaixo:

(26) Nome		LexP		SizeP	
a. <i>xazir</i>	‘porco’	<i>xazarzir</i>	‘leitão’	<i>xazir-on</i>	‘porquinho’
b. <i>bacal</i>	‘cebola’	<i>bcalcal</i>	‘chalota’	<i>bcal-on</i>	‘cebolinha’
c. <i>xatul</i>	‘gato’	<i>xataltul</i>	‘filhote de gato’	<i>xatul-on</i>	‘gatinho’
d. <i>kélev</i>	‘cachorro’	<i>klavlav</i>	‘filhote de cachorro’	<i>kalb-on</i>	‘cachorrinho’
e. géver	‘homem’	<i>gvarvar</i>	‘macho’	<i>gavr-on</i>	‘homenzinho’

(De Belder, Faust & Lampitelli, 2009: 03)

A segunda consequência é a de que ambas as projeções podem ser preenchidas simultaneamente. Em outras palavras, espera-se que haja dados que apresentem um diminutivo flexional composicional acima de um diminutivo derivacional. Segundo os autores, isso de fato acontece em várias línguas. No Italiano, por exemplo, o diminutivo mais baixo pode co-ocorrer com um diminutivo composicional mais alto, como ilustrado em (27):

(27) pan-in -etto
 Pão- DIMLex – DIMSize
 ‘sanduichinho’

(De Belder, Faust & Lampitelli, 2009: 04)

Outra consequência que tem relação com a proposta dos autores é a de que os dois tipos de diminutivos são independentes. Assim, sob a assunção de que as línguas só selecionam um subconjunto de traços da Gramática Universal, SizeP (a flexão produtiva de diminutivo) pode não existir em algumas línguas. Se as posições SizeP e LexP existem independentemente uma da outra, essas línguas, mesmo sem SizeP, poderiam permitir um diminutivo derivacional. Essa situação é, segundo os autores, encontrada no inglês, que contém somente alguns diminutivos esporádicos, como *napkin* ‘guardanapo’ e *pumpkin* ‘abóbora’. Exemplos similares também podem ser encontrados em francês e egípcio arábico, ambas línguas que não apresentam o diminutivo produtivo, mas que ainda assim, apresentam alguns diminutivos derivacionais. Este fato é ilustrado em (28a,b) para o francês:

(28) a. fill -ette
 menina -DIMLEX
 ‘jovem menina’
 b. livr -et
 livro – DIMlex
 ‘caderneta’

(De Belder, Faust & Lampitelli, 2009: 10)

A conclusão dos autores, portanto, é que o diminutivo derivacional pode existir em determinada língua independentemente do flexional.

Enfim, a proposta delineada em De Belder, Faust & Lampitelli (2009) é a de que duas posições sintáticas diferentes explicam o comportamento do diminutivo translinguisticamente: LexP e SizeP. A primeira delas abriga diminutivos não-composicionais e se concatena diretamente à raiz. Já a segunda delas, resulta em formações composicionais e, portanto, em significados bastante previsíveis, estando situada acima do categorizador, no domínio derivacional.

3. OS DADOS DO PB: DISCUSSÃO TEÓRICA E ANÁLISE

A parametrização proposta por Wiltschko & Steriopo (2007) em (i) diminutivos que são núcleos ou modificadores e (ii) diminutivos que se anexam acima ou abaixo do categorizador parece carecer da divisão entre diminutivos composicionais e não-composicionais proposta por De Belder, Faust & Lampitelli (2009), quando estão em jogo os dados do PB.

No que diz respeito ao funcionamento de núcleo ou modificador, o que os dados do PB parecem apontar é que diminutivos composicionais e não-composicionais vão mostrar comportamento diferente. Assim, quando tratamos de diminutivos composicionais, as propriedades formais da base são conservadas na palavra formada. Como se pode ver nos dados em (29) abaixo, gênero e categoria da base são preservados mesmo com a presença do afixo de diminutivo.

(29) Gênero e categorias em diminutivos composicionais

- a. Menina – menininha
- b. Menino - menininho
- c. Bonita – bonitinha
- d. Bonito – bonitinho
- e. Pouco – pouquinho
- f. Pouca – pouquinha

O mesmo raciocínio pode ser facilmente feito para os dados de aumentativo, que, embora não sejam foco das análises apresentadas nas subseções acima, serão trazidos para a discussão no que diz respeito aos dados do PB. Assim, no PB, os aumentativos composicionais, tais como os diminutivos composicionais preservam as propriedades formais da base.

No entanto, quando nos deparamos com os diminutivos e aumentativos não-composicionais é possível dizer que eles influenciam mais fortemente as propriedades formais da palavra resultante. Vejamos os dados abaixo:

- (30) a. branco – branquinho (leitura: corretivo utilizado para apagar caneta).
b. carta – cartão (leitura: elemento que se envia às pessoas em datas comemorativas)
c. amarelo – amarelão (leitura: tipo de doença)
d. amarelo – amarelinha (leitura: tipo de jogo)

A leitura que estamos enfatizando nos dados em (30) é justamente a não-composicional³. Assim, ‘branquinho’ não é ‘um pouco branco’, da mesma maneira que ‘amarelinha’ não é ‘um pouco amarelo’. O mesmo distanciamento semântico evidenciado nos diminutivos ocorre nos dados de aumentativo, de modo que ‘cartão’ não é uma carta grande’ e ‘amarelão’ não significa muito amarelo. Nesse mesmo sentido, o que podemos observar são mudanças de gênero e mudanças de categoria provocadas justamente pela presença de um diminutivo ou de um aumentativo não-composicional. Assim, nos dados de diminutivo, por exemplo, temos em (30a) a passagem da categoria de adjetivo para a categoria de substantivo, enquanto em (30d) encontramos essa mesma mudança de categoria agora acompanhada por uma mudança de gênero: o que era masculino passa a ser feminino. Quanto aos aumentativos, podemos apontar em (30b) uma mudança de gênero que vai do masculino ao feminino, enquanto em (30d) há uma mudança de categoria que transforma adjetivos em substantivos.

No que diz respeito ao segundo parâmetro de Wiltschko & Steriopo (2007), que é relacionado às categorias que os diminutivos podem gerar, podemos dizer novamente que a composicionalidade/não-composicionalidade da formação, apontada em De Belder, Faust & Lampitelli (2009), interfere no comportamento dos dados. Assim, diminutivos e aumentativos composicionais do PB podem formar diversas categorias: substantivos, adjetivos, advérbios, gerúndios e participios, como podemos ver nos dados abaixo, já apresentados na seção de descrição e repetidos aqui por comodidade.

- (31) a. Menino – menininho/ meninão (substantivo)
b. Bonito – bonitinho/ bonito (adjetivo)
c. Logo – loguinho/ ? logão⁴ (advérbio)
d. correndo –correndinho/ correndão (gerúndio)

³ Observe que as leituras composicionais são possíveis, mas o que queremos mostrar com os dados em (30) é justamente a relação entre as propriedades formais da palavra resultante e a presença de um diminutivo/aumentativo não-composicional.

⁴ Parece haver algumas restrições na junção de aumentativos e advérbios que precisam ser mais profundamente investigadas.

No entanto, quando as formações, tanto de diminutivo quanto de aumentativo, são não-composicionais, a única categoria que parece poder resultar é a de substantivo. Assim, os dados em (30) mais acima, por exemplo, formam todos a categoria de substantivo.

Nesse ponto da discussão, é interessante ressaltar que as análises de Wiltschko & Steriopo (2007) e de De Belder, Faust & Lampitelli (2009) fazem previsões diferentes quanto à posição dos diminutivos. Na primeira proposta, o diminutivo não-composicional, por formar somente elementos que pertencem à categoria dos substantivos, deveria ser colocado acima do nível da palavra, ou seja, deve ser anexado depois que a raiz já estiver categorizada. Na segunda proposta, no entanto, como se tratam de elementos não-composicionais, a posição a ser ocupada é LexP justamente abaixo do primeiro categorizador da estrutura. Da mesma maneira, na proposta de Wiltschko & Steriopo (2007), o diminutivo composicional, formador de variadas categorias, deve entrar na estrutura antes de a palavra ser categorizada, enquanto, diante da análise de De Belder, Faust & Lampitelli (2009), a composicionalidade do elemento o faria ocupar uma posição sintática mais alta, a saber, SizeP. Tais conflitos serão resolvidos na subseção de estruturação das hipóteses, através da noção de fase no interior da palavra (Marantz, 2001, 2008) e de localidade na interpretação da raiz, proposta por Arad (2003). Por hora, no entanto, limitamo-nos a discutir as posições teóricas, tendo como centro os dados do PB.

Olhando mais especificamente para a proposta de De Belder, Faust & Lampitelli (2009) é interessante notar que as posições LexP e SizeP podem ser preenchidas simultaneamente tanto nos dados de diminutivo quanto nos dados de aumentativo do PB. Vejamos os dados abaixo atentando para a função não-composicional do primeiro morfema de grau e para a função composicional do morfema que o segue:

- (32) a. caipirinhazinha (interpretação relacionada a um tipo de bebida)
- b. carrinhozinho (interpretação relacionada à entrada faltosa no futebol)
- c. beijinhozinho (interpretação relacionada a um tipo de doce)

- (33) a. fogãozão (interpretação relacionada ao instrumento de cozinha)
- b. caixãozão (interpretação relacionada a instrumento utilizado em velórios)
- c. roupãozão (interpretação relacionada a um tipo de veste de saída de banho)

No entanto, um aspecto que chama bastante a atenção nos dados do PB é a própria interação entre marcas de aumentativo e de diminutivo no interior de uma mesma palavra. A previsão de De Belder, Faust & Lampitelli (2009) é a de que diminutivos composicionais não conseguiriam interagir com marcas de aumentativo, enquanto diminutivos composicionais

poderiam fazê-lo. Os dados do PB parecem, no entanto, apontar para uma relação um pouco mais complexa:

(34) Interação diminutivo/aumentativo em dados composicionais

- a. cachorro – *cachorrinhozão/ cachorrãozão
- b. menino – *menininhozão/ meninãozinho
- c. chato – *chatinhozão/ chatãozinho

(35) Interação diminutivo/aumentativo em dados não-composicionais

- a. Caipirinha – ?caipirinhona
- b. Sapinho - ?sapinhão

Quando olhamos para a interação entre morfemas de diminutivo e aumentativo em dados composicionais, observamos o seguinte padrão: a ordem aumentativo-diminutivo precisa ser respeitada. Parece que a presença de um diminutivo simplesmente bloqueia a entrada de um aumentativo depois dele. Já em (35), em que os exemplos apresentam uma não-composicionalidade, tal restrição parecer ser um pouco mais frouxa e a presença do aumentativo linearmente depois do morfema de diminutivo dá resultados consideravelmente melhores. Há que se ressaltar, no entanto, que alguns falantes recorrem para soluções como ‘caipirona’, por exemplo. Em contexto adequado, a não-composicionalidade, ou seja, a interpretação como “tipo de bebida” é mantida mesmo sem a presença do marcador de diminutivo. O que ocorre, no entanto, é que, dessa maneira, evita-se a ordem diminutivo-aumentativo, o que pode ser evidência de que se trata de uma ordem até certo ponto desconfortável para os falantes do PB.

Já a interação do aumentativo com o diminutivo é bastante mais livre, dado que a sequência aumentativo-diminutivo é mais bem aceita nos dados do PB, como mostramos na seção de descrição dos dados. Nos dados abaixo, é possível observar que se a sequência aumentativo-diminutivo for mantida nos dados do PB as questões de gramaticalidade despertadas acima não se manifestarão.

(36) Interação aumentativo/diminutivo em dados composicionais

- a. Menino – menino - meninozinho
- b. Carro – carrão - carrãozinho
- c. Bobo – bobão – bobãozinho

(37) Interação aumentativo/diminutivo em dados não-composicionais

- a. Portão – portão - portãozinho
- b. Cartão – cartão - cartãozinho

c. Fogão – fogão - fogãozinho

Independente da composicionalidade nos dados em (36) ou da não-composicionalidade nos dados em (37), o fato de o aumentativo estar linearmente antes da presença do diminutivo explica a gramaticalidade dos dados⁵.

3.1. ESTRUTURANDO AS HIPÓTESES

É importante reconhecer que as análises teóricas que trouxemos nas seções acima apresentam propostas somente para os diminutivos. No entanto, procuramos, neste artigo, destacar, o tempo todo, as semelhanças e diferenças entre o comportamento dos diminutivos e aumentativos no PB. A questão que está por trás da comparação que estamos fazendo é essencialmente a seguinte: diminutivos e aumentativos ocupam a mesma posição sintática?

As possibilidades de interação entre marcas de aumentativo e de diminutivo em uma mesma palavra parecem apontar que a resposta para tal pergunta é negativa. Vejamos os dados novamente:

(38) Interação aumentativo/diminutivo em dados composicionais

- a. Menino – meninão - meninãozinho
- b. Carro – carrão - carrãozinho
- c. Bobo – bobão – bobãozinho

Se aumentativos e diminutivos podem aparecer juntos, provavelmente eles ocupam posições sintáticas diferentes. Uma objeção possível a essa proposta é dizer que estamos, na verdade, diante de adjuntos, o que explicaria a possibilidade de co-ocorrência das duas marcas em questão, já que, de fato, vários adjuntos podem aparecer em uma mesma sentença. No entanto, no que diz respeito à interação entre aumentativos e diminutivos há uma restrição de ordenamento que precisa ser respeitada: a marca de aumentativo precisa aparecer antes da marca de diminutivo. A entrada dessa última na derivação parece bloquear a presença do diminutivo.

⁵ Importante ressaltar que a interação entre aumentativos e diminutivos e a relação com tal interação precisará ser acompanhada de uma compreensão mais profunda da semântica que tal interação veicula. Esse tópico, no entanto, será desenvolvido em trabalhos posteriores.

(39) Interação diminutivo/aumentativo em dados composicionais

- d. cachorro – *cachorrinhozão/ cachorrãozão
- e. menino – *menininhozão/ meninãozinho
- f. chato – *chatinhozão/ chatãozinho

Tal diferença de gramaticalidade gerada pela ordenação dos elementos não é, no entanto, uma característica de adjuntos. Sabe-se que os adjuntos podem sofrer alteração de ordenamento entre si sem que a gramaticalidade da sentença seja afetada:

(40) Liberdade de ordenamento entre adjuntos

- a. O João correu de bicicleta na USP ontem.
- b. O João correu na USP ontem de bicicleta.
- c. O João correu na USP de bicicleta ontem

A nossa proposta é, portanto, que os aumentativos e diminutivos do PB ocupam posições diferentes e nucleares, ou seja, eles não podem ser tratados como adjuntos.

Outro ponto interessante de ser notado através da restrição de ordenamento na interação entre marcas de diminutivo e aumentativo é que a segunda delas parece estar mais baixa na estrutura sintática, ela precisa ficar mais perto da raiz do que a marca de aumentativo. Tal observação parece reforçar a hipótese de que aumentativos e diminutivos ocupam posições estruturalmente diferentes. Mais especificamente, o morfema diminutivo é mais alto na estrutura. Isso explica bem o fato de esse último bloquear a presença do aumentativo. O que acontece de fato não é um bloqueio, mas sim um momento na derivação em que a marca de aumentativo não pode ocorrer. Quando o diminutivo entra na estrutura, ela já está avançada demais para que o aumentativo possa aparecer, justamente porque o momento de o aumentativo entrar na estrutura é um estágio anterior da derivação.

A questão que surge, então, diz respeito ao estatuto de aumentativos e diminutivos não-composicionais. Já vimos que esses últimos parecem ser capazes de influenciar mais diretamente as propriedades da palavra resultante, como gênero e número, por exemplo. O mesmo não se pode dizer dos elementos composicionais que, na verdade, parecem carregar as propriedades da base. Diante disso, elementos composicionais e não-composicionais não podem ter o mesmo estatuto sintático.

Para dar conta dessa questão, apoiaremos-nos na noção de fase no interior da palavra, proposta por Marantz (2001, 2008) e baseada no trabalho de Chomsky (2001). Para Marantz (2001, 2008), núcleos categorizadores, ou seja, elementos que formam as chamadas categorias lexicais, são núcleos de fase. Nesse sentido, a cada categorizador, a estrutura correspondente

deve sofrer a operação de *spellout* e receber em LF a interpretação a ela associada e em PF a atribuição do material fonológico adequado. Baseada em Marantz, Arad (2003) desenvolve uma proposta sintática para diferenciar palavras que são diretamente derivadas da raiz e palavras que são formadas a partir de raízes já categorizadas. Nesse sentido, a autora propõe a existência de um domínio de localidade em que há a formação de um domínio fechado de interpretação. De acordo com Arad (2003: 747):

Locality constraint on the interpretation of roots:
Roots are assigned an interpretation in the environment of the first-category-assigning head with which they are merged. Once this interpretation is assigned, it is carried along throughout the derivation.⁶

Tal noção de localidade nos permite entender melhor a diferença entre diminutivos/aumentativos composicionais e não-composicionais. No caso dos elementos não-composicionais, a nossa proposta é a de que eles se anexam diretamente a uma raiz nua, ainda não-categorizada, e formam com ela um domínio fechado de interpretação. Essa interpretação, que é negociada localmente entre raiz e morfema não-composicional deve ser carregada ao longo de toda a derivação, nos moldes de Arad (2003). Por sua vez, os elementos composicionais são anexados a raízes já categorizadas. Nesse caso, a negociação de significado já está pronta quando o elemento não-composicional entra na estrutura, de modo que ele já não consegue influenciar tão fortemente tal semântica, que deverá ser, então, previsível e bastante relacionada com a semântica da base.

Outro ponto que ressaltamos na seção de discussão teórica diz respeito ao fato de diminutivos/aumentativos composicionais formarem palavras de diferentes categorias, como substantivos, adjetivos e advérbios, por exemplo, enquanto as contrapartes não-composicionais parecem formar somente substantivos. Uma hipótese interessante diante desse fato é a de que os diminutivos/aumentativos não-composicionais, além de se concatenarem a uma raiz não-categorizada, são, na verdade, um núcleo de fase no interior da palavra, ou seja, são elementos que categorizam a raiz e que determinam o *spellout* da estrutura correspondente. Assim, diminutivos e aumentativos, tanto composicionais como não-composicionais, são elementos nucleares. No entanto, os composicionais entram na derivação depois da primeira categorização da raiz, enquanto os não-composicionais são núcleos de fase que dão categoria para a própria raiz.

⁶ Restrição de localidade na interpretação das raízes:

As raízes têm sua interpretação atribuída no ambiente do primeiro núcleo categorizador ao qual elas se concatenam. Uma vez que tal interpretação é atribuída, ela é carregada ao longo da derivação (tradução nossa).

Na literatura a respeito da marcação de grau, há uma grande discussão a respeito do estatuto das marcas *-inho/-ão* e das suas respectivas contrapartes encabeçadas pela consoante *-z*. Para alguns autores, a forma básica do diminutivo é *-zinho* e a eliminação de */z/* acontece via regra morfológica. Uma visão contrária pode ser encontrada em Bisol (2010), que defende ser *-inho* o morfema de diminutivo e */z/* em *-zinho*, uma consoante epentética que emerge para satisfazer exigências estruturais. Já para Ferreira (2005), estamos diante de dois alomorfes – *inho* para a raiz e *-zinho* para a palavra. Apesar de não entrarmos profundamente nessa discussão é fundamental notar que a não-composicionalidade, tanto do diminutivo quanto do aumentativo, parece ter uma relação muito forte com o morfema *-inho* e com o morfema *-ão*. Assim, se nos exemplos em (41) tais morfemas forem trocados pelas respectivas formas encabeçadas pela consoante *-z*, o resultado, apesar de gramatical, perde o seu estatuto não-composicional e a única interpretação disponível passa a ser aquela em que diminutivo/aumentativo e base possuem uma ligação semântica do tipo composicional.

- (41) a. camisa – camisinha (interpretação: preservativo)
b. sapo – sapinho (interpretação: tipo de doença)
c. pedal – pedalinho (interpretação: veículo movido a pedais e que anda na água)
d. caixa – caixão (interpretação: instrumento utilizado para velar defuntos).

- (41') a. ??Proteja-se de doenças, use camisazinha.
b. ??A mãe ficou preocupada porque a criança pegou sapozinho.
c. ??Foi muito divertido andar de pedalzinho no rio do parque.
d. ?? Depois morto, João foi colocado em uma caixazona.

Assim, a impossibilidade de haver formas não-composicionais com *-zinho/-zão* se correlaciona com a dificuldade de interpretação das sentenças em (41').

3.2 POR QUE UMA PERSPECTIVA SINTÁTICA?

A perspectiva de análise dos diminutivos e aumentativos do PB que trazemos neste artigo está baseada nos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída. É importante ressaltar que estamos olhando somente para as formas mais produtivas do fenômeno em questão, a saber, – *inho/zinho* e *-ão/zão* para o diminutivo e para o aumentativo respectivamente. A escolha da abordagem sintática é justificada por alguns fatores:

- Os dados de diminutivo e aumentativo do PB têm sido sistematicamente tratados em dois eixos: (a) a partir de uma perspectiva descritiva, encontrada, por exemplo, em

manuais de gramática ou em trabalhos diacrônicos e (b) a partir de uma perspectiva fonológica, encontrada em trabalhos desenvolvidos sob variados quadros teóricos como a Fonologia Lexical e a Teoria da Otimidade. A perspectiva sintática ainda não analisou tais dados.

- A interação entre diminutivos e aumentativos no interior de uma mesma palavra requer que a ordem aumentativo-diminutivo seja respeitada e uma análise sintática pode ser um passo importante para entender esse ordenamento de formas.
- O tratamento sintático aponta soluções bastante interessantes para uma controvérsia entre derivação e flexão que há tempo ronda a expressão de grau no PB. O estabelecimento de limites estruturais, tal como estar acima ou abaixo do primeiro núcleo categorizador da raiz, consegue desfazer sintaticamente tal problemática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo revisita dados de aumentativo e diminutivo do PB a partir de uma perspectiva sintática de formação de palavras. É interessante ressaltar que, de maneira geral, a expressão de grau no PB tem sido sistematicamente analisada a partir de dois eixos: (i) o da descrição e (ii) o das análises morfofonológicas. Entre esses trabalhos, ainda assim, muitas das análises tratam do diminutivo e poucas são as que se debruçam sobre os aumentativos.

Baseados nas características dos dados de aumentativo e diminutivo do PB, na discussão de propostas de análise dos diminutivos translinguisticamente e nos recentes desenvolvimentos da MD, chegamos a um conjunto interessante de propriedades sintáticas dos morfemas discutidos. Assim, a interação entre diminutivos e aumentativos em uma única palavra, mostrou que tais marcas não ocupam a mesma posição sintática e não podem ser tratadas como adjuntos. Da mesma maneira, marcas composicionais entram na derivação depois que o domínio de interpretação negociado ente a raiz e o primeiro categorizador já está fechado. As marcas não-composicionais, por sua vez, participam intensamente da negociação de significado da formação e, para tanto, devem se concatenar diretamente à raiz. Propomos ainda que os elementos composicionais parecem funcionar nos dados do PB como núcleos categorizadores, uma vez que eles parecem exigir que a palavra formada pertença à categoria dos substantivos.

Por fim, resta ressaltar que há ainda que se investigar profundamente as propriedades semânticas das formações que contam com interações entre aumentativos e diminutivos no

PB, para que uma mais ampla compreensão das propriedades da expressão de grau na língua em questão seja atingida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, Stephen. (1982). Where's Morphology? - *Linguistic Inquiry* 13:571-612.
2. ARONOFF, MARK. (1976) *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge: The MIT Press.
3. BASÍLIO, Margarida. (2004). *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. S.Paulo: Editora Contexto.
4. BISOL, Leda. (2010). O Diminutivo e suas Demandas. *D.E.L.T.A.*, 26:1 – 59-85.
5. CHOMSKY, Noam. (1970) Remarks on Nominalization. *Readings in Transformational Grammar*, edited by R. A. Jacobs & P. S. Rosenbaum, 184–221. Waltham, Mass.: Ginn.
6. CHOMSKY, Noam. (2001) Derivation by Phase. In: M Kenstowicz, ed., *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge: MIT Press, 1-52
7. DE BELDER, M Marijke; FAUST, Noam & LAMPITELLI, Nicola (2009). On a derivational and an inflectional diminutive. *North East Linguistic Society* 40 (NELS 40), Cambridge, Massachusetts (MIT), November 13-15, 2009.
8. DI SCIULLO, Anna Maria & Edwin Williams (1987). On the Definition of Word. *Linguistic Inquiry Monograph* 14. Cambridge (MA): MIT Press.
9. FERREIRA, Marcelo. (2005). Diminutives in Brazilian Portuguese and Output-Output Correspondence. In *Theoretical and Experimental Approaches to Romance Linguistics*. Gess, Randall S. and EDWARD J., Rubin (eds). New York: John Benjamin Publishing Company, 2005, 109-123.
10. GONÇALVES, Carlos Alberto (2007). Flexão e Derivação: o grau. In: *Ensino de Gramática: descrição e uso*. BRANDÃO, S. F. & VIEIRA, São Paulo: Contexto, p. 149-168.
11. GUIMARÃES, Maximiliano. & MENDES, Gesoel. (2010). Hipotetizandinho acerca do caráter infical do morfema de diminutivo no PB. Handout apresentado no evento Tardes de Linguística na USP, realizado na Universidade de São Paulo.
12. HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. (1993) Distributed morphology and the pieces of inflection. *The View from Building 20*, edited by K. Hale & S.J. Keyser, 111–176. Cambridge, Mass.: MIT Press.

13. HARLEY, Heidi. & NOYER, Rolf. (1999). State-of-the-Article: Distributed Morphology. *Glottolinguistics* 4.4, pp 3-9
14. LEE, Seung-Hwa (1995). *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2007:195-227.
15. LEITE, Yonne de Freitas (1974). *Portuguese Stress and Related Rules*. Tese de Doutorado Universidade de Texas.
16. LIEBER, Rochelle. 1992. *Deconstructing morphology: Word formation in syntactic theory*. Chicago: University of Chicago Press.
17. MARANTZ, Alec. (1997) "No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of our Lexicon". In *Proceeding of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, ed. by A. Dimitriadis, L. Siegel, C. Surek-Clark, and A. Williams, 221-225.
18. MARANTZ, Alec. (2001) *Words*. WCCFL XX handout, USC, February, 2001.
19. MARANTZ, Alec (2008) *Phases and Words*. New York University. Último acesso em 13 de maio de 2009 em http://homepages.nyu.edu/~ma988/Phases_in_Words_Final.pdf.
20. MENUZZI, Sergio de Moura. 1993. *On The Prosody of the Diminutive Alternation - inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. Unpublished. HIL/University of Leiden.
21. WILTSCHKO, Martina & STERIOPOLO, Olga. (2007). *Parameters of variation in the syntax of diminutives*. In: Radisic, M. (ed.) *Proceedings of the 2007 Canadian Linguistics Association Annual Conference*.

ABSTRACT: Inserted in the area of the Theory of Grammar and, more specifically, in the studies regarding the formation of words, this paper focuses on the formation of diminutive and augmentative in Brazilian Portuguese (BP). More specifically, it looks at the interaction between the diminutive and augmentative marks to verify whether - and to what extent, this phenomenon may yield clues about the various controversies surrounding such a process in BP. The compositionality of the formation will also bring great consequences for the syntactic status of the diminutive and augmentative morphemes in BP. The perspective adopted in the analysis is guided by the theoretical assumptions of Distributed Morphology (Halle & Marantz, 1993) and its recent developments (Marantz, 2001, 2008 and Arad, 2003). This article therefore aims to (i) contribute to the studies regarding the formation of words and the interface between morphology and syntax and (ii) understand the syntactic behavior of the augmentative and diminutive morphemes in BP.

KEYWORDS: Diminutives/Augmentatives; Compositionality; Phase; Morphosyntax.